



Sessão temática: Ética, direitos humanos e Serviço Social
Mesa coordenada Ética e trabalho do assistente social: análises com subsídios
teóricos em escritos de Lukács

A CONTRIBUIÇÃO DO PENSAMENTO DE G. LUKÁCS PARA O DEBATE TEORICO DO SERVIÇO SOCIAL: NOTAS APROXIMATIVAS

ADRIANYCE ANGÉLICA SILVA DE SOUSA¹

Resumo: A tônica do debate contemporâneo está cada vez mais dominada pelo pensamento pós-moderno. O resultado é que, ao invés de fortalecer-se a perspectiva do trabalho, passa-se a debater cada vez mais dentro dos limites da ordem. No Serviço Social, desde os anos 90 estes influxos já começam a ser sentidos e, na atualidade, encontram-se cada vez mais atualizados, de modo que é com a tradição marxista, que se dá o foco central das polêmicas. Contrariamente, acreditamos que a contemporaneidade atualiza cada vez mais a interlocução do Serviço Social com o marxismo, em particular, as contribuições do filósofo húngaro G. Lukács.

Palavras-chaves: Serviço Social; Pos-modernidade; Marxismo; Lukács.

Abstract: The tonic of contemporary debate is increasingly dominated by post-modern thought. The result is that rather than build up the prospect of work, is to discuss increasingly within the limits of the order. In Social Work, since the 90 years these inflows have begun to be felt and, in actuality, are increasingly updated, so it is with the Marxist tradition, which gives the central focus of controversy. In contrast, we believe that the contemporary updates increasingly interlocution of Social Work with Marxism, in particular, the contributions of Hungarian philosopher G. Lukács

Keywords: Social Work; Post-modernity; Marxism; Lukács.

I. INTRODUÇÃO

Debater acerca da profissão, seus avanços, suas problemáticas supõe aprendê-la sob dois ângulos indissociáveis entre si: como atividade socialmente determinada pelas circunstâncias objetivas que estabelecem limites e possibilidades para a ação dos sujeitos que a compõem e, como resultado da ação e do pensamento dos sujeitos, que a ela se dedicam; que lhe atribuem finalidades. Por essas determinações fundamentais, a categoria profissional é permeada por diversas perspectivas político-profissionais que partem de distintos modos de interpretar a realidade, refletindo em seu interior as configurações e ordenações próprias à sociedade. No caso do Serviço

¹ Professora com formação em Serviço Social. Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: <trabalhos@alvoseventos.com.br>.

Social brasileiro, as diversas perspectivas teórico-políticas - que implicam dimensões metodológicas, éticas e técnico-operativas - encontram-se presentes no interior da profissão desde o processo de sua institucionalização e efetivam um embate que se situa entre a renovação e o conservadorismo. É notadamente, com o processo de constituição e desenvolvimento da “intenção de ruptura” que o Serviço Social estabelece uma fecunda relação com o marxismo e que segundo Netto apresentou três momentos diferenciáveis: o da sua emersão, o da sua consolidação acadêmica e o do seu espraiamento sobre a categoria profissional (1998, p. 261).

Criam-se assim, as condições para se pensar criticamente o Serviço Social, de modo que se constitui uma maioria intelectual e teórica da perspectiva de ruptura. São justamente estes dois momentos diferenciáveis - o da sua emersão, o da sua consolidação acadêmica - que possibilitam a intenção de ruptura agregar forças para o seu terceiro momento: o do espraiamento para o conjunto social. Este se abre por volta de 1982-1983, favorecido pelo clima de transição democrática e assinala a inserção das posições vinculadas à intenção de ruptura em todas as instâncias da vida profissional; nos debates da categoria, dando o tom da produção intelectual e atingindo as organizações representativas da categoria. Neste sentido, é no bojo da emersão e desenvolvimento da intenção de ruptura que podemos demarcar a aproximação do Serviço Social com a tradição marxista.

II. LUKÁCS E O SERVIÇO SOCIAL: um brevíssimo balanço

Do ponto de vista da formação, só é possível entender a especificidade deste debate se demarcarmos o novo protagonismo da Associação Brasileira de Ensino em Serviço Social – ABESS, que se faz sentir em meados da década de 1970. Contudo, os setores que tinham interlocução com o marxismo, neste período, acabaram por apropriar-se daquele como um “modelo”, de modo que a profissão foi, predominantemente, pensada a partir de seus componentes constitutivos “em si”. Assim, apesar dos avanços consolidados na profissão, a revisão curricular de 1982 não conseguiu superar totalmente o tradicionalismo-pragmático. Neste sentido é que a forte marca desse processo vai ser uma discussão em torno da “metodologia”. Esta

aparece nas diversas posições expressivamente postuladas no Caderno ABESS número 03. Um setor apoiava a ideia de um estatuto teórico-metodológico próprio ao Serviço Social. Este argumento era sustentado no entendimento de que, na prática profissional, o assistente social elaborava materiais teóricos que dela decorrem, mas ao mesmo tempo a subsidiavam. Outra posição defendia o Serviço Social como equivalência de uma práxis política, cuja função na divisão social do trabalho seria a realização de um trabalho político para o qual os serviços sociais eram o meio. Verifica-se assim que, nestas duas posturas, incorrem-se equívocos tanto do entendimento da especificidade da teoria e da prática, bem como se situa de forma equivocada a inserção do Serviço Social na divisão social do trabalho. Contudo, podemos dizer que já aqui comparecem duas intervenções balizadas por uma concepção marxista-ontológica de clara influência lukacsiana: a de Ivo Tonet e José Paulo Netto. Ambas foram, para sua explicitação no interior da profissão, favorecidas pelo marxismo acadêmico de postura teórico-metodológica marxiana. E no caso em particular do segundo autor, a sua formação teórico-política que não se dá pela via do Serviço Social, mas do movimento comunista evitando assim os enviesamentos anteriormente mencionados, possibilita-lhe uma postura diferenciada².

² De acordo com Frederico (1995) no Brasil a divulgação da obra lukacsiana deu-se, sobretudo pela política cultural do Partido Comunista. Os intelectuais ligados ao PCB, após o XX congresso do PCUS voltam-se para a tentativa de renovar o pensamento marxista e livrá-lo do esquematismo e da vulgata stalinista. Este processo possibilita que alguns intelectuais vissem em Lukács um pensador fecundo, e ao mesmo tempo, herdeiro da melhor tradição cultural do movimento comunista. Frederico também nos chama atenção para o fato de serem estes intelectuais particularmente jovens. (Carlos Nelson Coutinho publicou seu primeiro trabalho sobre Lukács com dezesseis anos de idade, Jose Carlos Bruni traduziu “Existencialismo ou marxismo?” quando tinha vinte e três anos, com a mesma idade Jose Paulo Netto publicou artigos sobre a teoria do romance). Mas também há, para este autor, uma segunda especificidade. O caráter militante da divulgação da obra lukacsiana. No início dos anos 60 massiva foi à circulação de textos e das ideias de Lukács. Com o golpe de 1964, o fechamento dos canais de participação política institucional fez com que a resistência à ditadura assumisse a forma predominante de resistência cultural. Nesse contexto, a divulgação de Lukács encontrou um terreno fértil para se expandir, pois, se por um lado, Lukács se encaixava na linha adotada pelo PCB de isolar a ditadura – na medida em que o pensador húngaro era defensor da política de aliança e da herança cultural; por outro lado, este pensador também, era compatível com a formulação de uma política cultural coerente com a estratégia geral do partido. Nesse sentido, Frederico diz que neste front cultural os comunistas estavam empenhados em: renovar o marxismo, lutar contra o irracionalismo e defender o realismo na arte.

A contribuição de Tonet, publicada na Revista Serviço Social & Sociedade número 15 de 1984 deu-se, sobretudo, na discussão dos fundamentos filosóficos do currículo de Serviço Social. Neste material, o autor localiza claramente como, na perspectiva tradicional presente no Serviço Social, comparecem os problemas: do idealismo, que consiste em conceder ao conceito – que é uma generalização a partir de objetos individuais – o estatuto de realidade ontológica fundante do ser dos objetos individuais (p. 22); do positivismo, que consiste em rejeitar a ontologia para aceitar como real apenas o fenômeno, o dado empírico e a generalização das suas regularidades (p.23); e o do humanismo, que atribui ao homem uma essência imutável, pré existente à sua objetivação histórica passando imediatamente do singular ao universal, eliminando as particularidades como acidentais (p.24). E que a superação destes problemas passa necessariamente pela apropriação marxiana na sua perspectiva onto-metodológica, que permitiria entender a realidade social como uma totalidade (...) como um complexo de determinações coerentemente organizadas, na qual as partes ganham seu sentido em relação ao todo (p. 27). Esta intervenção foi importante, na medida em que tanto analisou criticamente as correntes filosóficas que influenciavam o Serviço Social, afirmando a necessidade de reformulação da disciplina de Fundamentos Filosóficos do Serviço Social, como ao mesmo tempo, o autor, ao questionar esses fundamentos filosóficos, abre a via de possibilidades para, no debate ético, superar o entendimento de que a remissão a valores universais ou ao humano genérico fosse uma abstração negadora da história e das classes sociais, ou de que a opção de classe conduziria necessariamente a uma moralidade positiva (c.f. Barroco, 2001). A contribuição de Netto, no debate da metodologia, possibilita a recuperação de todo um debate que está para além do próprio Serviço Social³, ao mesmo tempo polarizando com a tônica do debate presente no Serviço Social e que anteriormente sumariamos. E por quê? De um lado, por que postula claramente uma tendência do racionalismo contemporâneo que arranca do neokantismo e que concebe a análise dos fenômenos a partir de sua expressão empírica (...). O que conduz à formulação

³ Pensemos que aqui a produção de Carlos Nelson Coutinho O Estruturalismo e a miséria da razão, já havia sido publicada desde 1972 e além de bater fortemente no estruturalismo esclarecia os dilemas e insuficiências do racionalismo formal contemporâneo.

lógico-abstrata de um modelo ou paradigma compreensivo dos processos que eles sinalizam (Netto, 1995c, p.143); por outro lado, esclarece as diferenciações deste racionalismo frente à vertente crítico-dialética e demarca claramente que a reflexão teórica não constrói um objeto: ela reconstrói o processo do objeto historicamente dado. Aqui também, tal como em Tonet, insere-se o debate profissional na problemática lukasciana da totalidade ^{4/5}, quando formula o entendimento de unidade e não de identidade entre teoria e prática. E, no mesmo processo, explicita a base ontológica do pensamento de Marx. Assim, a abordagem do marxismo buscada em Lukács é apresentada desde o início dos anos 80 e se coloca como uma possibilidade de respostas às problemáticas da profissão. Contudo, ela só passa a ser apropriada pela profissão nos anos 90. É em tono da Ética Profissional aquela angulação ontológica de Marx presente na obra Lukács e filtrada no Serviço Social na produção de José Paulo Netto, começa a ganhar saliência. De acordo com Barroco,

Na primeira metade dos anos 90 a presença de Lukács se torna mais marcante; nas produções acadêmicas, nos encontros e debates da categoria, o recurso à ontologia social afirma-se como parte da trajetória de amadurecimento da tradição marxista no Serviço Social. Contribui para tal a publicação da tese de doutoramento de Netto, em 1991 (2001, p. 182).

Também contribuem para este movimento estudos realizados com recursos à filosofia⁶ e que se desdobraram em teses e artigos voltados à reflexão sobre o método crítico-dialético, a cultura, a alienação, a práxis. Estes estudos, no nosso entendimento além de fornecerem subsídios para a discussão ética, reforçaram o resgate da herança filosófica de Marx, com isso entre outros interlocutores o recurso ao pensamento lukacsiano ganha relevância. Neste sentido, podemos afirmar que nas discussões da elaboração do código de Ética existe uma clara influência lukasciana. Esta vai se expressar diretamente

⁴ Posteriormente Netto tematizará amplamente esta questão no seu entendimento da profissão, presente na obra *Capitalismo e Monopolista e Serviço Social*.

⁵ Ver no referencial teórico deste trabalho o entendimento lukacsiano de totalidade.

⁶ É neste momento que podemos verificar a produção em 1995 de Yolanda Guerra, Ivete Simionato e Reinaldo Pontes. De acordo com Barroco (2001), em termos da produção ética com abordagem de cunho filosófico nas reflexões de M. H. de A. Lima (1994), V. L. Forti (1992) e das integrantes da comissão Nacional de Reformulação do Código de Ética de 1993, Paiva e Sales, cuja produção encontra-se em Bonetti et alii (orgs) 1995. Bem como a produção da Dissertação de Mestrado de Sales intitulada *Marxismo, Ética e Socialismo*; orientada por Carlos Nelson Coutinho e, defendida em 1993.

nos princípios e valores expressos no próprio código, como também na constituição do seu processo mesmo, uma vez que se iniciou como reflexão sobre a ética, em geral, e a questão da ética profissional apareceu como uma das suas dimensões. (c.f. Barroco, 2001). O processo de revisão do código de 1986 teve como pressuposto a consolidação do projeto profissional nele evidenciado, numa perspectiva de superação, garantindo suas conquistas e ao mesmo tempo superando as suas debilidades.

Neste sentido, o recurso à ontologia social permitiu decodificar eticamente o compromisso com as classes trabalhadoras, apontando para a sua especificidade no espaço de um código de ética: o compromisso com valores ético-políticos emancipadores referidos à conquista da liberdade (Barroco, 2001, p. 200).

Do ponto de vista da formação e do debate em torno das diretrizes curriculares de 1996, a incidência do pensamento lukacsiano não se fez como uma incorporação direta, como no Código de Ética de 1993. Fez-se estabelecendo polêmicas em torno primeiro da noção de “crise de paradigmas” e segundo em torno do entendimento sobre o trabalho. Há ainda um terceiro ponto, este mais residual, do ponto de vista de como o pensamento lukacsiano pode influir ou contribuir com o debate, que é a discussão em torno do pluralismo metodológico.

III. CONSIDERAÇÕES ACERCA DA CONTRIBUIÇÃO DE LUKÁCS PARA O SERVIÇO SOCIAL

Neste sentido cabe perguntar: que pistas analíticas o pensamento de G. Lukács nos coloca para pensar o presente e o Serviço Social? Que tempo é esse: um tempo em que a lógica excludente e destrutiva do capitalismo, aprofundada no processo de mundialização e de ofensiva ideológica neoliberal, é visível mundialmente e particularmente no Terceiro Mundo. A reprodução do capital é amplamente impulsionada pela generalização das relações mercantis aos mais imagináveis recantos da vida social, afetando a divisão do trabalho, as relações entre as classes e a organização da produção e a distribuição de bens e serviços. Este processo espraia-se na manipulação da socialidade e da

cultura e coloca cada vez mais sob cheque a possibilidade de controlabilidade⁷ do movimento desta ordem. Recompuesto de seu quadro de crise econômica, o capitalismo vem numa forte ofensiva internacionalista da produção e dos mercados, que implica políticas de ajustes estruturais submetendo diretamente o Estado a seus interesses. A lógica imperialista é preconizada por intermédio de organismos multilaterais e viabilizada por políticas que garantem ampla movimentação ao capital especulativo-financeiro.

Os resultados desse processo são um amplo e claro desmonte das conquistas sociais acumuladas, resultantes da luta histórica da classe trabalhadora, e que foram consubstanciadas em direitos sociais e uma aflorada exacerbação da dimensão subjetiva, da necessidade de “reconhecimento” da autonomia dos interesses variados presentes na sociedade civil e de seus respectivos grupos sociais; deflagra-se, assim, uma concepção de política voltada para o cotidiano, para a prática diária de cada sujeito, em que cada um faça a revolução no cotidiano.

As críticas hoje dirigidas ao capitalismo, as que ganhavam cada vez mais a cena são as que estão centradas nos seus efeitos mais do que no seu núcleo central. A expressão cabal desta apologia é aquela apresentada pelos pensadores pós-modernos. As mudanças experienciadas nas sociedades passam a ser tomadas como uma crise – de cultura e civilização – que demarca o fracasso das promessas da modernidade. Logo, estes pensadores colocam em questão as noções clássicas de verdade, razão, identidade e objetividade, a ideia de progresso ou emancipação universal e a libertação dos homens, os sistemas únicos, as grandes narrativas. No nosso entendimento encontra-se presente na obra da maturidade de Lukács fecundas pistas para a análise radical acerca do espraiamento da lógica da mercadoria para além das dimensões do espaço produtivo para as instâncias da vida social que respondem pela reprodução social (a distribuição, o consumo o lazer), ou seja, não podemos fechar os olhos ao reinante presentismo que não nos permite vincular nossa experiência pessoal a das gerações passadas e conseqüentemente fecha-nos os olhos ao futuro e que é próprio a fenômenos

⁷ Ao falarmos de controlabilidade, não estamos nos referindo à impossibilidade de superação desta ordem. Ao contrário, no nosso entendimento, o quadro atual só pode ser pensado em termos de superação, o que implica uma subversão da sociedade em todos os seus aspectos, a partir de seu substrato econômico.

reificantes; que a valorização da esfera cotidiana tomada naquilo que ela é, sem nenhuma vinculação e contextualização do seu desenvolvimento na sociedade contemporânea é mais um nível de cercaneamento do gênero humano a lógica do capital, na medida em que para Lukács do cotidiano emanam as necessidades que levam o homem para ir além das limitações habituais, mas no cotidiano em si estas limitações não pode ser resolvidas porque existem outras esferas sociais em que amplamente podemos nos realizar; que a preocupação como os rumos ambientais tomados é necessário e urgente, mas não nos pode conduzir a uma anulação da especificidade do ser social frente ao ser natural. Que é preciso contextualizar que na ordem do capital a racionalização do intercâmbio sociedade/natureza não conduziu, nem poderá conduzir à liberação e autonomia dos indivíduos, mas nos leva a beira de nossa quase extinção; E que a existência efetiva dos indivíduos passa ainda e necessariamente pela venda da sua força de trabalho e seja ela diretamente nos trabalhos formais, ou aparentemente autônomas e desconectadas nas redes solidárias, trabalho familiar. E que aqui hoje nos aparece como fim do trabalho. Ou não é essa ainda uma necessidade que atravessa todos os segmentos sociais seja de negros, mulheres, indígenas, homossexuais que precariamente tem se inserido nesse circuito.

No caso do Serviço Social podemos pensar em termos de:

1) uma crítica contundente ao pensamento pós-moderno que vai de encontro aos eixos centrais e articuladores do projeto profissional;

2) a problematização das 'novas' demandas profissionais compreendidas no processo de reestruturação produtiva, a terceirização, o crescimento do número de ONG's como parcerias do Estado, a refilantropização das alternativas de enfrentamento da questão social através da ideologia da solidariedade, etc. - necessitam ser problematizada na medida em que encerram necessidades sociais que as determinam e o serão a partir dos referenciais teóricos que se interpõem à profissão;

3) a superação de visões focalista do trabalho, com a real consciência dos limites da ação profissional nos marcos institucionais. E esse campo de imediatividade cotidiana em que se movem as ações do Serviço social constitui um foco aberto para o distanciamento de reflexões postas pelos paradigmas

totalizantes, e também para a aproximação com o empirismo e fragmentação entre teoria e prática, de acordo com as tendências da pós-modernidade (Simionato, 1999. p. 88). Uma vez que, se o horizonte profissional for reduzido ao atendimento imediato destas demandas, estará mobilizado um suporte teórico bastante elementar, que permite apenas a elaboração de respostas restritas ao empírico, postas na imediatividade cotidiana e;

4) O fortalecimento dos princípios éticos apresentados no código de 1993 no qual, o recurso à ontologia social permitiu decodificar eticamente o compromisso com as classes trabalhadoras, apontando para a sua especificidade no espaço de um código de ética: o compromisso com valores ético-políticos emancipadores referidos à conquista da liberdade de modo que esta apreensão ontológica do marxismo vai possibilitar captar as mediações que estiveram, em parte, ausentes nos processos anteriores e no caso do código vai comparecer explicitamente os valores são determinações da prática social, resultantes da atividade criadora tipificada no processo de trabalho. É mediante o processo de trabalho que o ser social se constitui se instaura como distinto do ser natural, dispondo de capacidade teleológica, projetiva, consciente; é por esta socialização que ele se põe como ser capaz de liberdade.

REFERÊNCIAS

BARROCO, Maria Lucia Silva. **Ética e Serviço Social: fundamentos ontológicos**. São Paulo: Cortez, 2001.

CARVALHO, Alba Maria Pinho de. A pesquisa no debate contemporâneo e o Serviço Social. **Cadernos ABESS**, São Paulo, n. 05, 1995.

FREDERICO, Celso. Razão e desrazão: a lógica das coisas e a pós-modernidade. **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, ano 18, n. 55, jul. São Paulo: Cortez, 1997.

_____. A presença de Lukács na política cultural do PCB e na universidade. In: MORAES, Joaquim Quartim. **História do Marxismo no Brasil: os influxos teóricos**. Campinas: Ed. UNICAMP, 1995. vol. 2.

IAMAMOTO, Marilda Villela. Serviço Social no tempo do capital fetiche. Tese (Serviço Social) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

LUKÁCS, György. **História e Consciência de Classe**: estudos sobre a dialética marxista. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1981. (Coleção Grandes Cientistas Sociais, n. 20).

_____. **Ontologia do ser social**: os princípios ontológicos fundamentais de Marx. São Paulo: Ciências Humanas, 1979a.

_____. **Ontologia do ser social**: a falsa e a verdadeira ontologia de Hegel. São Paulo: Ciências Humanas, 1979b.

NETTO, José Paulo. O movimento de Reconceituação – 40 anos depois. **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, n. 84, ano 26, nov. 2005.

_____. **A construção do projeto ético-político do Serviço Social frente à crise contemporânea**. In: Capacitação em Serviço Social. Módulo I Crise Contemporânea, Questão Social e Serviço Social, Brasília, CEAD: UNB, 1999.

_____. **Ditadura e Serviço Social**: uma análise do Serviço Social no Brasil pós64. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1998.

_____. O Marx de Sousa Santos: uma nota polêmica. **Revista Praia Vermelha**, Rio de Janeiro: Estudos de política social e teoria social, v.1, n. 1, 1997.

_____. Transformações Societárias e Serviço Social: Notas para uma análise prospectiva da profissão no Brasil. **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, ano 17, n. 50, 1996.

_____. **Capitalismo Monopolista e Serviço Social**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

_____. A controvérsia paradigmática nas Ciências Sociais. **Cadernos ABESS**, São Paulo, n. 05, 1995.

_____. O Serviço Social e a tradição marxista. **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, ano 10, n. 30, maio 1989.

_____. **Capitalismo e reificação**. São Paulo: Ciências Humanas, 1981.

QUIROGA, Consuelo. **Invasão Positivista no marxismo**: manifestações no ensino da metodologia no Serviço Social. São Paulo: Cortez, 1991.

SOARES, Joseane. **Neoconservadorismo pós-moderno e Serviço Social brasileiro**. Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro: URFJ, mar. 2000.

SOUSA, Adrianyce A. Silva de Sousa. **Lukács e o Serviço Social Brasileiro**. Curitiba: Prismas, 2016.

TONET, Ivo. A crise das Ciências Sociais: pressupostos e equívocos. **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, ano 14, n. 41, 1993.

_____. Fundamentos Filosóficos para a nova proposta curricular do Serviço Social. **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, ano 5, n. 15, ago. 1984.